

## Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola

**André Silva Oliveira**

Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista CAPES, Brasil  
andrehtzn@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar a construção argumentativa dos discursos de Donald Trump em língua espanhola por meio da instauração da modalidade volitiva que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), refere-se ao que é (in)desejável. Baseamo-nos na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), no intuito de averiguarmos o comportamento da volição nos discursos que compuseram o córpus. Concluímos que a modalidade volitiva apresenta, majoritariamente, a orientação modal para o Participante, com a especificação do sujeito sintático, sendo o valor modal volitivo de intenção o mais recorrente e a volição relativa a eventos controlados e não-controlados. Atestamos também uma maior frequência de marcas de primeira pessoa (singular e plural), em que a modalidade volitiva foi expressa, significativamente, por meio de verbos léxicos volitivos.

**Palavras-chaves:** Gramática Discursivo-Funcional. Modalidade Volitiva. Volição. Argumentação.

**Abstract:** In this paper, we aim to describe and analyze the argumentative construction of Donald Trump's speeches in Spanish through the introduction of the volitive modality that, according to Hengeveld and Mackenzie (2008), refers to what is (in)desirable. We are based on the Functional Discourse Grammar (FDG) in order to verify the behavior of volition in the speeches that composed the corpus. We conclude that the volitive modality presents mostly modal orientation for the Participant, with the specification of the syntactic subject, with the volitional modal value of intention being the most recurrent and the volition relative to controlled and uncontrolled events. We also attested to a higher frequency of first-person marks (singular and plural), with the volitive modality being expressed significantly through volitional lexical verbs.

**Keywords:** Functional Discourse Grammar. Volitive Modality. Volitional. Argumentation.

## Introdução

Na tipologia das modalidades de Hengeveld (2004), depois revista e ampliada na Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), a modalidade volitiva é entendida, no que diz respeito ao domínio semântico, como um tipo de modalização relativa ao que é (in)desejável, estando situada, portanto, no eixo da volição, e apresentando três tipos de orientação modal: o Participante, o Evento e a Proposição.

Partindo do arcabouço teórico da GDF, objetivamos, neste artigo, descrever e analisar a construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola por meio da modalidade volitiva. Para isso, pautamos algumas categorias de análise que pudessem proporcionar uma apreciação dos desejos, vontades e intenções manifestados pelo presidente norte-americano em seus discursos, a saber: a orientação modal da modalidade volitiva, os valores modais volitivos instaurados, a especificidade do sujeito sintático, a pessoa do sujeito sintático, a controlabilidade do evento sobre o qual recai a volição e as formas de Expressão Linguística empregadas na instauração da modalidade volitiva.

Acreditamos que o engendramento da modalidade volitiva no discurso político possa apresentar algumas nuances e produzir diferentes efeitos de sentido no público alvo do presidente norte-americano, haja vista que o desejo manifestado possa culminar na concretização do evento sobre o qual recai a volição, conduzindo tanto o Falante (Donald Trump) quanto os seus ouvintes na realização do que é volicionado. Nesse sentido, a volição pode ser empregada também para sinalizar tanto uma aproximação quanto um afastamento do Falante em relação aos seus ouvintes (apontando a singularidade da sua pessoa ou diluindo-a em meio a coletividade), bem como ser revestida de um caráter mais assertivo, quando o desejo recair sobre estados-de-coisas mais controlados, ou podendo ser atenuada quando incidir sobre eventos não-controlados.

No intuito de apresentarmos e explicitarmos os nossos objetivos, este artigo está organizado da seguinte forma: em um primeiro momento, fazemos uma abordagem acerca dos pressupostos teóricos da GDF. Na sequência, discorreremos acerca da modalidade volitiva, abordando-a a partir do que é pré-disposto no modelo teórico adotado. Posteriormente, dissertamos acerca da

modalidade como categoria argumentativa e pragmático-discursiva sob a ótica da GDF. Em seguida, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos desta pesquisa, bem como a apreciação e delimitação das categorias de análise. Logo depois, apresentamos os resultados e discussões sobre a construção argumentativa por meio da modalidade volitiva nos discursos de Donald Trump. Por fim, na seção seguinte, as considerações finais com base nas análises realizadas.

### **1. A Gramática Discursivo-Funcional**

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) é definida como um modelo global de interação verbal em que o Componente Gramatical (composto por níveis e camadas organizados de forma hierárquica) combina-se com outros três componentes não-gramaticais, a saber: (i) o Componente Conceitual, que é o responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa do falante e pelas conceitualizações relativas aos eventos extralinguísticos relevantes para o evento de fala; (ii) o Componente Contextual, que é o responsável pela descrição tanto do conteúdo quanto da forma do discurso precedente a partir do contexto real e perceptível do evento de fala, bem como das relações sociais estabelecidas entre os participantes (Falante e Ouvinte); e (iii) o Componente de Saída, que é o encarregado de gerar as expressões acústicas e/ou escritas a partir da informação que é fornecida pelo Componente Gramatical.

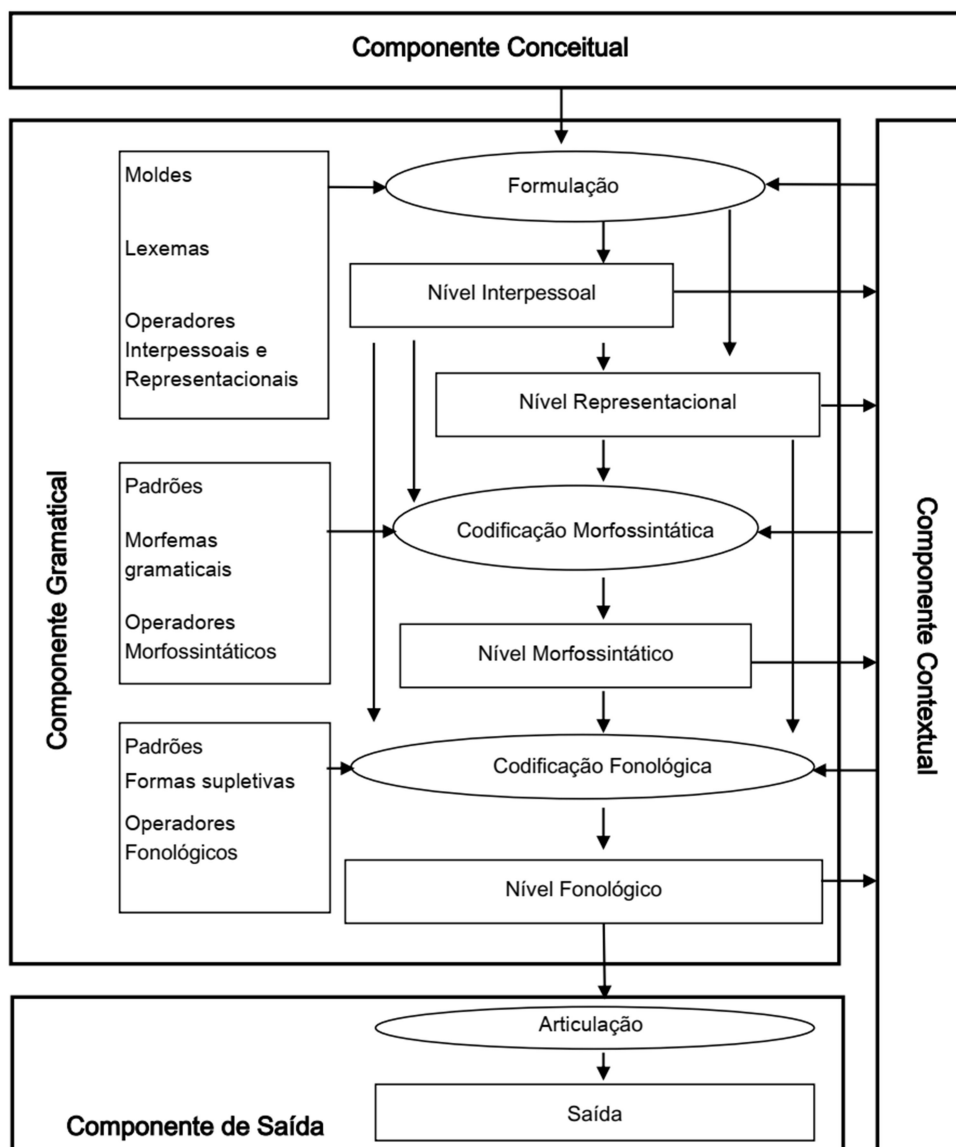
O Componente Gramatical, por sua vez, está composto por quatro níveis organizados hierarquicamente, a saber: (i) o Nível Interpessoal, relativo aos aspectos pragmáticos e o responsável por captar as distinções de formulação relativas à interação entre os participantes (Falante e Ouvinte), contendo as seguintes camadas: Movimento (M) > Ato Discursivo (A) > Ilocução (F) > Participantes (P) > Conteúdo Comunicado (C) > Subato de Atribuição (T) > Subato Referencial (R); (ii) o Nível Representacional, referente aos aspectos semânticos e o responsável por descrever as unidades linguísticas em termos de categorias semânticas que elas mesmas designam, contendo as seguintes camadas: Conteúdo Proposicional (p) > Episódio (ep) > Estado-de-coisas (e) > Propriedade Configuracional (f) > Propriedade lexical > Indivíduos (x); (iii) o

Nível Morfossintático, que diz respeito aos aspectos morfossintáticos e o responsável por converter as informações pragmáticas e semânticas em representações estruturais, contendo as seguintes camadas: Expressão Linguística (Le) > Oração (CI) > Sintagma (Xp) > Palavra (Xw) > Base (Xs) > Afixo (Aff); e (iv) o Nível Fonológico, que é o responsável pelos aspectos fonológicos das unidades linguísticas e por codificar o *input* dos outros níveis e traduzi-los em estrutura fonológica, contendo as seguintes camadas: Enunciado (U) > Frase Entonacional (IP) > Frase Fonológica (PP) > Palavra fonológica (PW) > Pé (F) > Sílabas (S).

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), dentro do Componente Gramatical, ocorrem duas operações que também são influenciadas pelos outros três componentes não-gramaticais (o Componente Contextual, o Componente Conceitual e o Componente de Saída): (i) a Formulação, que diz respeito às regras que determinam tudo aquilo que está relacionado à constituição das representações pragmáticas e semânticas válidas em uma dada língua (Níveis Interpessoal e Representacional); e (ii) a Codificação, que se referem às regras que convertem as representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas (Níveis Morfossintático e Fonológico). Ainda conforme os autores, a GDF assume que tanto a operação de Formulação quanto a operação de Codificação se referem aos processos que são específicos de cada língua; por isso, nenhuma categoria de ordem pragmática, semântica, morfossintática ou fonológica é postulada de maneira universal pelo modelo teórico da GDF, salvo os casos que tenham sido atestados por meio de comprovação empírica.

A arquitetura geral da GDF pode ser vista na Figura 1:

Figura 1 – Arquitetura geral do modelo da GDF



Fonte: Traduzido de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 37)

Em linhas gerais, o modelo teórico-gramatical da GDF é modular e hierárquico, haja vista que as decisões nos níveis e camadas superiores (Níveis Interpessoal e Representacional) não apenas determinam, como restringem as possibilidades de expressão nos níveis e camadas inferiores (Nível Morfossintático e Fonológico), além de ser *top-down* (de cima para baixo), já que parte da intenção do falante (no Componente Conceitual) para a

articulação das formas linguísticas (do pragmático para o fonológico no Componente Gramatical).

No modelo teórico da GDF, as distinções modais são tratadas dentro do Nível Representacional, em que a categoria modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros: o domínio semântico e a orientação modal; como veremos na seção seguinte.

## 2. A modalidade volitiva na GDF

No aparato teórico da GDF e em trabalhos posteriores, tais como Hengeveld (2011), Hengeveld e Dall’Aglío Hattner (2015), Dall’Aglío Hattner e Hengeveld (2016), Olbertz (2016), Nagamura (2016), Oliveira (2017) e Hengeveld (2017), podemos averiguar que as distinções modais estão ancoradas dentro do Nível Representacional, em que a categoria modalidade é descrita e analisada com base em dois parâmetros: o *domínio semântico* e a *orientação modal*.

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), o domínio semântico se refere ao tipo de avaliação modal que se faz dos enunciados modalizados, dividindo a categoria modalidade em quatro tipos: *facultativa* (relativa às capacidades intrínsecas ou adquiridas), *epistêmica* (refere-se aos conhecimentos e crenças acerca do mundo real), *deontica* (está relacionada ao que é moralmente, socialmente e legalmente aceito em termos de normas e regras de conduta) e *volitiva* (referente ao que é desejável);

Por sua vez, ainda conforme os autores, a orientação modal se trata da parte do enunciado que é modalizada, podendo a categoria modalidade apresentar quatro tipos de orientação: *Proposição*, que se refere à parte do enunciado que é relativa às crenças, às visões e aos desejos do falante, especificando, dessa forma, o grau de comprometimento dele com a proposição enunciada; *Episódio*, que é referente à caracterização de um episódio em termos de sua possibilidade ou impossibilidade de que venha a ocorrer em relação ao conhecimento de mundo do falante; *Evento*, que é relativa à descrição de um evento contido em um enunciado, mas sem que o falante faça uma apreciação desse evento; e *Participante*, que diz respeito à relação entre um dado participante e a potencialização de um dado evento por parte dele.

Especificamente, em relação à modalidade volitiva, foco deste trabalho, atestamos, com base em Hengeveld (2004), que ela é relativa ao que é (in)desejável por parte do falante ou do participante expresso pelo predicado, situando-se, portanto, no eixo da volição. No tocante à orientação modal, Hengeveld e Mackenzie (2008) determinam que a modalidade volitiva pode apresentar orientação para o Participante, quando há a intenção de performatização de um dado evento por parte do falante ou do participante expresso pelo predicado, como no exemplo: *I want to leave* [Nós queremos partir] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 213); e para o Evento, quando há caracterização de eventos em termos da (in)desejabilidade, mas sem que o falante faça uma avaliação acerca deste evento, como no exemplo: *It would be bad if I broke it* [Seria ruim se eu quebrasse isso] (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 176).

Em Hengeveld e Mackenzie (2008), há uma discussão acerca da existência de uma modalidade volitiva orientada para a Proposição. Segundo os autores, é possível de encontrar, nas línguas naturais, uma ampla variedade de modalidade subjetivas, como no exemplo retirado da língua Pawnee: *ti-ku-itka-is-ta* (*I want do sleep/It is going to sleep on me*) (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 154). Conforme os autores, nessa língua, há uma formação especial, pois o verbo é flexionado na voz passiva, o que justificaria o marcador de primeira pessoa do singular, marcador este provido de sufixo de aspecto perfectivo de intencionalidade, expressando, nesse caso, um exemplo de modalidade volitiva com orientação para a Proposição. Para os autores, tanto o morfema de modo indicativo quanto o emprego da primeira pessoa mostram que esta frase, nesta língua, não pode ser interpretada como sendo uma ilocução optativa básica, ou seja, não se trata da desejabilidade de um evento, mas de uma afirmação (asserção) a respeito dos desejos pessoais do falante.

Com base em Hengeveld e Mackenzie (2008), Oliveira (2017) especifica que a modalidade volitiva orientada para a Proposição conteria os seguintes aspectos: (i) não expressaria as intenções/pretenções do falante em performatizar um dado evento, por isso não atuaria na camada da Propriedade Configuracional; (ii) é restrita a primeira pessoa do singular ou plural nas línguas naturais, haja vista que se trata da asserção pessoal de um desejo do falante acerca de uma proposição relativa a um construto mental do

qual o falante faria uma apreciação; (iii) não se refere a uma ilocução optativa, o que impossibilitaria de ser apreciada em termos de verdade ou falsidade (com base nas convicções do falante) acerca da possibilidade de concretização da proposição expressa, em que o falante manifestaria seu comprometimento volitivo; e (iv) é referente às asserções dos desejos pessoais do falante sobre um dado evento que pode ser apenas localizado em sua mente, sendo, portanto, relativo ao aspecto *irrealis* (o que é prototípico da modalidade volitiva).

De acordo com Oliveira (2017), os operadores de modalidade volitiva orientados para a Proposição atuam como *elementos de apreciação* acerca de um dado Conteúdo Proposicional, relativo a um mundo imaginário/fictício, do qual apenas o falante teria acesso, de caráter subjetivo e irrealizável do ponto de vista factual, sem localização no tempo e no espaço, como no exemplo: *Quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de Pastores* [Quisera que fosse Ela mesma quem os leve até o profundo de suas almas de Pastores] (OLIVEIRA, 2017, p. 101). Conforme o autor, o operador de modalidade volitiva, *quisiera*, atua na camada do Conteúdo Proposicional, tomando por escopo uma proposição (contida na completiva com *que*) que, por sua vez, é relativa a um construto mental que diz respeito aos desejos pessoais do falante (o que pode ser evidenciado pela marca de primeira pessoa do singular, *quisiera*) em relação a um mundo imaginário/fictício (o mundo da espiritualidade). Ainda conforme o mesmo autor, tal evento volicionado é irrealizável do ponto de vista factual, a julgar pela impossibilidade de localização no tempo e no espaço (aspecto *irrealis*).

Segundo Oliveira (2017), os operadores de modalidade volitiva que atuam na camada do Conteúdo Proposicional são indicadores de que, em um mundo imaginário/fictício, o falante toma como possível e verdadeiro a concretização de um dado evento por ele volicionado (possibilidade volitiva), com base em suas próprias crenças e convicções (comprometimento volitivo), o que, em certa medida, aproxima a modalidade volitiva da modalidade epistêmica (modalidade esta que atua, preferencialmente, conforme o modelo da GDF, na camada do Conteúdo Proposicional).

Dessa forma, temos que a modalidade volitiva pode apresentar orientação para: (i) o Participante, em que os operadores volitivos atuam na



camada da Propriedade Configuracional; (ii) o Evento, em que os operadores volitivos atuam na camada do Estado-de-Coisas; e (iii) a Proposição, em que os operadores volitivos atuam na camada do Conteúdo Proposicional. Ainda de acordo com Oliveira (2017), a depender da camada de atuação dos operadores volitivos, estes podem designar diferentes tipos de valores modais volitivos.

Na camada da Propriedade Configuracional, os operadores volitivos expressam o valor modal de *intenção*, pois designam o engajamento do falante ou do participante expresso pelo predicado em performatizar o evento por ele volicionado, em que os modais volitivos tomam por escopo um verbo performativo, o que garantiria o controle do evento [+ controle] por parte do falante/participante expresso, como no exemplo: *No quiero terminar sin hacer mención a la Eucaristía* [Não quero terminar sem fazer menção a Eucaristia] (OLIVEIRA, 2017, p. 51)/ *Jesús quiere utilizar como espacio de su memorial una cena* [Jesus quer utilizar como espaço de seu memorial um ceia] (OLIVEIRA, 2017, p. 152).

Na camada do Estado-de-Coisas, os operadores volitivos expressam o valor modal de *opção*, pois se referem a (in)desejabilidade de um dado evento, podendo este ser localizado no tempo e no espaço, mas sem que haja uma apreciação por parte do falante acerca da concretização desse evento. Geralmente, esse valor modal é expresso por meio de adjetivos em função predicativa, referente a eventos não-controlados [- controle] por parte do falante, como no exemplo: *Es importante...que la voz de la fe...pueda seguir siendo escuchada* [É importante que a voz da fé possa seguir sendo escutada] (OLIVEIRA, 2017, p. 152).

Na camada do Conteúdo Proposicional, os operadores volitivos expressam o valor modal de *desideração*, pois se referem à asserção de um desejo pessoal do falante relativo a um construto mental, cujo evento volicionado pode ser apenas localizado em sua mente. Nesse sentido, a concretização desse evento é entendida como possível a partir das crenças e convicções do falante, sendo avaliada por ele como verdadeira em um mundo no qual apenas ele tem acesso (comprometimento volitivo). Nessa camada, os operadores volitivos são expressos, preferencialmente, por meio de verbos volitivos léxicos, tais como querer, desejar, esperar, etc., como no exemplo: *Quisiera que fuese Ella misma quien les lleve, hasta lo profundo de sus almas de*

*Pastores* [Quisera que fosse Ela mesma quem os leve até o profundo de suas almas de Pastores] (OLIVEIRA, 2017, p. 101).

Sabendo-se que a modalidade volitiva se refere ao que é (in)desejável e que pode apresentar orientação para o Participante, o Evento e a Proposição, veremos, na seção seguinte, a abordagem da modalidade como uma categoria argumentativa e pragmático-discursiva sob a ótica da GDF.

### **3. A modalidade como categoria argumentativa e pragmático-discursiva**

De acordo com Palmer (1986, p. 16), a categoria modalidade pode ser definida como “a gramaticalização das crenças subjetivas e opiniões do falante”. Desse modo, entendemos que, para o encadeamento discursivo e a construção argumentativa do falante, a categoria modalidade pode ser engendrada no discurso como forma de posicionamento do falante em termos de regras e normas de conduta impostas ou reguladas socialmente (modalidade deontica), bem como na manifestação de suas crenças e convicções (modalidade epistêmica), na abordagem das capacidades intrínsecas ou adquiridas de pessoas ou eventos (modalidade facultativa) ou na expressão daquilo que ele aprecia como sendo (in)desejável para si e para os demais e a vivência das pessoas em sociedade (modalidade volitiva).

Nesse sentido, alguns autores, tais como Dall’Aglio Hattner (2009), Pessoa (2011), Menezes (2011), Lopes (2015) e Oliveira (2017), apontam a modalidade como uma categoria argumentativa e pragmático-discursiva, tendo por base os postulados da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), integrando a análise, não apenas os aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos (o que já é previsto pelo modelo), mas também os argumentativos e os pragmático-discursivos.

Em Dall’Aglio Hattner (2009), discute-se acerca da articulação das modalidades deontica e volitiva nos discursos de posse presidencial. Neste trabalho, a autora discorre sobre os efeitos de sentido pretendidos no engendramento dos operadores modais deonticos e volitivos nos discursos presidenciais brasileiros, tendo em vista as relações simétricas e assimétricas existentes entre o falante (presidente brasileiro) e o ouvinte (presidentes estrangeiros e os demais parlamentares brasileiros). Com base em uma abordagem discursivo-funcional da modalidade, constatou-se que os verbos

deônticos e volitivos podem apresentar distintos valores semânticos e interpretações prototípicas de deonticidade e volitividade na construção discursiva dos presidentes brasileiros, em razão do tipo de ouvinte para quem os discursos eram direcionados (relações hierárquicas ou não).

Por seu turno, Pessoa (2011) disserta sobre a modalidade deôntica no discurso midiático, constatando, sob a ótica da GDF, que os operadores modais deônticos podem apresentar diferentes efeitos de objetividade e subjetividade em relação à construção discursiva e argumentativa dos apresentadores de rádio e televisão, tendo em vista os mais variados tipos de público alvo. Desse modo, os valores modais deônticos podem apresentar estruturas macrodeônticas (obrigação, permissão, proibição etc.) e microdeônticas (necessidade, petição, conselho, recomendação, etc.) em virtude do tipo de fonte da atitude modal (enunciador, indivíduo, instituição e domínio comum) e alvo da atitude modal (enunciador, coenunciador, indivíduo, instituição, domínio comum e inexistente).

Por sua vez, Menezes (2011) aborda a modalidade deôntica desde um viés retórico-funcional e argumentativo no debate político, tomando por base a GDF e os postulados da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca. De acordo com a autora, as expressões linguísticas modalizadoras deônticas viabilizam a construção do discurso argumentativo dos parlamentares brasileiros, na medida em que há uma subjetivação das ideias articuladas no encadeamento discursivo como forma de diluição do comprometimento do orador (falante, na perspectiva da GDF) com as regras e normas de conduta veiculadas. Dessa forma, os operadores modais deônticos engendrados no discurso caracterizam-se, em termos retórico-funcionais, como construtos linguísticos que tem, como ponto de partida, o acordo do auditório sobre as premissas nas quais aquele que argumenta (o orador) alicerça seu discurso e conduz conclusões autorizadas por meio de justificativas embasadas em técnicas argumentativas.

Por seu lado, Lopes (2015) discorre sobre a modalidade deôntica no discurso jornalístico (artigos de opinião), buscando descrever e analisar os diferentes efeitos de sentido de ordem semântico-argumentativa e morfossintática sob a perspectiva da GDF. Desse modo, a autora defende que o uso dos verbos modais deônticos *dever* e *poder*, no gênero jornalístico

artigo de opinião, pode funcionar como “sinalizador” das ideias e crenças subjetivas do falante em relação às obrigações, permissões, conselhos, sugestões e proibições acerca dos assuntos de interesse social. Segundo a autora, a articulação da modalidade deôntica pode asseverar ou mitigar a força ilocucionária com que os autores defendem seus pontos de vista, objetivando, dessa forma, conquistar a adesão dos leitores às práticas apresentadas por eles como necessárias (necessidade deôntica).

Em Oliveira (2017), estuda-se a articulação da modalidade volitiva em discursos religiosos, especificamente os discursos do Papa Francisco em viagem apostólica. Segundo o autor, os aspectos relacionados ao contexto (tipo de ambiente e ouvinte para quem os discursos eram direcionados), juntamente com as questões pragmáticas (tipo de ilocução e posicionamento do falante na instauração do valor modal) e semânticas (fonte volitiva, alvo volitivo e valores modais volitivos) influenciavam nos tipos de Expressões Linguísticas (morfofossintaxe) empregadas pelo Santo Padre em seus discursos. Nesse sentido, a modalidade volitiva era engendrada no intuito de reafirmar os posicionamentos de Sua Santidade frente aos preceitos de fé e moral católica, em razão de expressar o que era (in)desejável para vivência do homem em sociedade, tendo por base o tipo de relação estabelecida com o ouvinte (relações hierárquicas ou não).

Dessa forma, acreditamos que o arcabouço teórico da GDF seja relevante para a descrição e análise da modalidade como categoria argumentativa e pragmático-discursiva. Nesse sentido, apontamos, especificamente, que a modalidade volitiva possa ser articulada no encadeamento discursivo no intuito de que se produzam diferentes efeitos de sentido e nuances interpretativas, considerando alguns aspectos como atenuadores ou mitigadores da força ilocucionária, tais como a autoridade do sujeito enunciador (falante), as características do contexto de interação, o comprometimento do enunciador em termos do que pretende/intenciona realizar, o tipo de relação estabelecida com o enunciatário (ouvinte), etc.

A partir da possibilidade de estudo da modalidade volitiva como categoria argumentativa e pragmático-discursivo sob a ótica da GDF, passaremos, na seção seguinte, a abordagem da metodologia desta pesquisa, bem como a apreciação das categorias de análise e a delimitação do corpus.

#### 4. Metodologia

Para o propósito desta pesquisa, que consiste em descrever e analisar a construção argumentativa por meio da modalidade volitiva, selecionamos os discursos proferidos pelo presidente norte-americano, Donald Trump. Originalmente, os discursos foram proferidos em inglês, sendo, posteriormente, traduzidos para o espanhol (com tradução oficial da Casa Branca). Os discursos que compuseram o *cópus* desta pesquisa foram disponibilizados *online*, como podemos ver no Quadro 1:

**Quadro 1** – Os discursos do presidente Donald Trump

O título do discurso	Página Web
EL DISCURSO DE INVESTIDURA DE DONALD TRUMP	Disponível em: < <a href="https://bit.ly/2ACRfVT">https://bit.ly/2ACRfVT</a> >. Acesso em: 01 jun. 2019.
EL PRIMER DISCURSO DE DONALD TRUMP SOBRE EL ESTADO DE LA UNIÓN	Disponível em: < <a href="https://bit.ly/2SKPmNX">https://bit.ly/2SKPmNX</a> >. Acesso em: 01 jun. 2019.
EL DISCURSO DE DONALD TRUMP EN LA ASAMBLEA GENERAL DE LAS NACIONES UNIDAS	Disponível em: < <a href="https://bit.ly/2J9wR1s">https://bit.ly/2J9wR1s</a> >. Acesso em: 01 jun. 2019.
EL DISCURSO DE DONALD TRUMP SOBRE LOS INMIGRANTES ILEGALES, EL MURO FRONTERIZO Y EL CIERRE DEL GOBIERNO	Disponível em: < <a href="https://bit.ly/2OHYy7W">https://bit.ly/2OHYy7W</a> >. Acesso em: 01 jun. 2019.
EL DISCURSO DE DONALD TRUMP SOBRE LA SITUACIÓN EN VENEZUELA	Disponível em: < <a href="https://bit.ly/2OtdYcy">https://bit.ly/2OtdYcy</a> >. Acesso em: 01 jun. 2019.

**Fonte:** Elaborado pelo autor

De acordo com Charaudeau (2008), o discurso político pode ser caracterizado como uma espécie de “jogo polêmico”, em que o falante (político) vai se utilizando de diferentes tipos de estratégias (como a modalidade volitiva), no intuito de convencer o seu ouvinte (público) acerca do que ele propõe como atividade política, ações governamentais, opiniões particulares acerca de temáticas sociais, etc. Ainda conforme o autor, outros fatores ainda podem influenciar no encadeamento do discurso proferido pelo político, tais como as identidades sociais, as relações sociais entre ele e o seu público, bem como as crenças e os sistemas de relacionamentos estabelecidos durante a interação discursiva. De acordo com Charaudeau (2008, p. 56), a

noção de estratégia repousa “na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos – de persuasão ou de sedução – sob o sujeito interpretante (TUi)”. Nesse sentido, acreditamos que a modalidade volitiva possa ser empregada por parte do político (Donald Trump) como uma estratégia argumentativa que viabilize a produção de diferentes efeitos de sentido, no que diz respeito às ações políticas de seu governo acerca do que lhe parece (in)desejável.

A fim de alcançarmos os objetivos propostos para esta pesquisa, foram estabelecidas algumas categorias de análise que pudessem auxiliar na descrição e análise da construção argumentativa e pragmático-discursiva da modalidade volitiva, instaurada, por sua vez, através dos modalizadores volitivos (operadores e modificadores no arcabouço teórico da GDF), a saber:

- (i) a *orientação modal*, em que a modalidade volitiva pode estar orientada para o Participante, o Evento e a Proposição;
- (ii) o *valor modal*, em que a modalidade volitiva pode apresentar quatro valores modais: desideração, opção, intenção e exortação;
- (iii) a *especificidade do sujeito sintático*, podendo ser mais especificado [+ específico], quando se referir a pronomes pessoais, indivíduos em particular etc., ou menos especificado [- específico], quando se referir as pessoas, as instituições, os governos (de um modo generalizado);
- (iv) a *pessoa do sujeito sintático*, podendo ser de primeira, segunda ou terceira (singular/plural);
- (v) a *controlabilidade do evento volicionado*, podendo o evento ser controlado [+ controle] ou não controlado [- controle];
- (vi) a *forma de Expressão Linguística*, podendo ser palavras lexicais (substantivos, verbos, adjetivos, advérbios etc.), palavras gramaticais (auxiliares modais), ou sintagmas nominais e verbais (construções modalizadoras).

A descrição e análise da modalidade volitiva no discurso político de Donald Trump em língua espanhola dar-se-á: (i) de forma *qualitativa*, tomando o arcabouço teórico da GDF e os trabalhos correlatos sobre modalidade volitiva e argumentação; e (ii) *quantitativa*, em que se fará uso do *Statistical*

Package for the Social Sciences (SPSS) para a rodagem das categorias de análise e o cruzamento entre elas; como veremos na seção seguinte.

## 5. Descrição e análise da modalidade volitiva no discurso político de Donald Trump

Nesta seção, abordaremos acerca dos resultados obtidos a partir da análise empreendida do corpus selecionado para esta pesquisa, no caso, os discursos de Donald Trump em língua espanhola. Após a análise dos discursos, constatamos 40 ocorrências de modalizações volitivas, que serão apreciadas em relação à frequência: (i) da orientação modal; (ii) do valor modal; (iii) da especificidade do sujeito sintático; (iv) da pessoa do sujeito sintático; (v) da controlabilidade do evento; e (vi) da forma de Expressão Linguística.

Na Tabela 1, começaremos por fazer uma abordagem acerca da frequência da orientação modal. Vejamos:

**Tabela 1** – Frequência da orientação modal

Orientação modal	Frequência	Porcentagem
Participante	31	77,5%
Proposição	09	22,5%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Com base na Tabela 1, observamos que a orientação modal para o Participante foi a mais recorrente, o que se justifica em razão de o presidente norte-americano optar por manifestar aos seus ouvintes o seu engajamento no evento que por ele é volicionado ou em reportar a intenção (volição) de outrem em performatizar um dado evento, como podemos ver em (1) e (2):

(1) Esta noche **quiero hablar** sobre qué tipo de futuro vamos a tener y qué tipo de nación vamos a ser. (El primer discurso de Donald Trump sobre el Estado de la Unión)

[Tradução livre: Esta noite quero falar sobre que tipo de futuro vamos ter e que tipo de nação vamos ser].

(2) Es hora de comenzar a avanzar hacia un sistema de inmigración basado en el mérito, uno que admita personas que estén calificadas, que **quieran trabajar**, que contribuyan a nuestra sociedad y que amen y respeten a nuestro país. (El primer discurso de Donald Trump sobre el Estado de la Unión)

[Tradução livre: É hora de começar a avançar para um sistema de imigração que esteja baseado no mérito, em que se admitam pessoas que estejam qualificadas, que queiram trabalhar, que contribuam com a nossa sociedade e que amem e respeitem o nosso país].

Em (1), a modalidade volitiva é instaurada por meio do modal *querer* em construção perifrástica com um verbo no infinitivo, *hablar*, em que o Falante (Donald Trump) manifesta um desejo particular (o que é evidenciado pelo uso da primeira pessoa do singular, *quiero*) acerca do que por ele é volicionado: “falar sobre o tipo de futuro que irão ter e o tipo de nação que irão ser” (evento volitivo). Ao se colocar como fonte da atitude modal volitiva, o Falante revela o seu comprometimento volitivo perante aos seus ouvintes, haja vista que o evento contido no enunciado modalizado se refere a algo que por ele é desejado, especificamente no tocante ao que pretende realizar (ao fazer menção em seu discurso sobre o futuro da nação norte-americana), em termos de ações políticas, no seu futuro mandato como Chefe do Poder Executivo.

Em (2), a modalidade volitiva também é instaurada por meio do modal *querer* em construção perifrástica com um verbo no infinitivo, *trabajar*, no entanto o Falante se restringe a reportar o que ele acredita ser o desejo de outrem (o que pode ser constatado pelo uso da terceira pessoa do plural, *quieran*), no caso, o participante expresso no predicado (os imigrantes que desejam ingressar nos Estados Unidos). Ao projetar o desejo de um terceiro-reportado, há um descomprometimento volitivo do Falante acerca do que é volicionado, já que se refere à volição pessoal de terceiros, ainda que se trate de uma apreciação pessoal do Falante sobre o desejo do participante expresso (o que é atestado pelo emprego do presente do subjuntivo, *estén*, *contribuyan*, *amen* e *respeten*).

Em termos argumentativos e discursivos, Oliveira (2017) pondera que a orientação modal para o Participante pode revelar tanto o comprometimento quanto o não-comprometimento do falante com o evento sobre o qual incide a volição. Nesse sentido, quando há a inclusão do falante na instauração do



valor modal (*quiero*), há um maior comprometimento, haja vista que o falante avalia o evento como sendo desejável e intencionado por ele, sendo, portanto, passível de se concretizar; enquanto a não-inclusão (*quiere*) o descompromete em relação ao evento sobre o qual recai a volição, haja vista que se trata de um terceiro-reportado que avalia tal evento como (in)desejável, recaindo sobre esse terceiro-reportado a intenção (*querer-fazer*) ou a nolição (*no-querer-fazer*) de performatizar o evento volicionado.

No que diz respeito à frequência dos valores modais volitivos instaurados, vejamos a Tabela 2:

**Tabela 2** – Frequência do valor modal

Valor modal	Frequência	Porcentagem
Intenção	22	55%
Desideração	09	25,2%
Optação	09	25,2%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

A partir do que é disposto na Tabela 2, averiguamos que o valor modal de *intención* foi o mais recorrente nos discursos de Donald Trump. Isso se justifica, pois, conforme Oliveira (2017), o valor modal de *intención* diz respeito à disposição do falante ou do participante contido no enunciado em performatizar o evento que por ele é desejado e sobre o qual ele detém controle para concretizá-lo. Vejamos as ocorrências (3) e (4):

(3) Las personas con enfermedades terminales no deberían tener que ir de país en país buscando una cura. **Quiero darles** una oportunidad aquí en casa. (El primer discurso de Donald Trump sobre el Estado de la Unión)

[Tradução livre: As pessoas com enfermidades terminais não deveriam ter que sair do país em busca de uma cura. Quero dar a essas pessoas uma oportunidade aqui em casa.

(4) Lo más importante de todo, las naciones que son el hogar de los patriotas, de los hombres y mujeres que **están dispuestos** a sacrificarse por sus países, por sus conciudadanos, y por todo lo mejor del espíritu humano. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: O mais importante de tudo, as nações que são o lar dos patriotas, dos homens e mulheres que estão dispostos a se sacrificarem por seus países, por seus concidadãos, e pelo que há de melhor do espírito humano.

Em (3), a modalidade volitiva é instaurada por meio do verbo léxico *querer* em construção perifrástica com um verbo no infinitivo, *dar*, em que o Falante manifesta o seu desejo pessoal (o que é averiguado pelo uso da primeira pessoa do singular, *quiero*) em concretizar o evento volicionado: “dar uma oportunidade de cura em seu país para aqueles que apresentem alguma enfermidade terminal”. Em (4), a modalidade volitiva é instaurada por meio da perífrase verbal *estar+participio*, em que o Falante reporta o desejo de um terceiro-reportado (o que é constatado pelo uso da terceira pessoa do plural, *están*) em performatizar o evento volicionado: “sacrificar-se por seu país, por seus concidadãos e pelo que há de melhor do espírito humano”. De acordo com Oliveira (2017), no tocante à construção discursiva, o valor modal de intenção se configura por estar relacionado a operadores modais volitivos que tomam por escopo predicados performativos, como “dar” e “sacrificar-se”, o que, em certa medida, garantiria a controlabilidade sobre o evento desejado. Dessa forma, no âmbito da argumentatividade, há a asseveração da possibilidade de concretização do que é desejado, permitindo que o ouvinte interprete o evento volicionado como algo “certo”, “preciso” e “concreto”.

No tocante à especificidade do sujeito sintático, vejamos a Tabela 3:

**Tabela 3** – Frequência da especificidade do sujeito sintático

Especificidade do sujeito sintático	Frequência	Porcentagem
Especificado	33	82,5%
Não-especificado	07	17,5%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Baseando-nos na Tabela 3, atestamos que a modalidade volitiva está mais relacionada a sujeitos sintáticos especificados no discurso, sejam eles o próprio falante que discursa ou um terceiro-reportado, como uma instituição, um indivíduo em particular etc. Isso se justifica, segundo Oliveira (2017), em virtude da qualificação modal da modalidade volitiva que está centrada na fonte da atitude modal (origem da volição manifestada), que pode ser tanto o falante quanto o participante expresso pelo predicado, como podemos ver em (5) e (6):

(5) En los Estados Unidos no **buscamos imponer** nuestro estilo de vida a nadie, sino dejarlo brillar como un ejemplo para que todos lo vean. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: Nos Estados Unidos não buscamos impor nosso estilo de vida a ninguém, mas deixa-lo brilhar como um exemplo para que todos vejam-no]

(6) Agradecemos también –(aplausos)–agradecemos también al Secretario General por reconocer que las Naciones Unidas deben reformarse si **quieren colaborar** de manera eficaz en el enfrentamiento a las amenazas a la soberanía, la seguridad y la prosperidad. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: Agradecemos também – (aplausos) – agradecemos também ao Secretário Geral por reconhecer que as Nações Unidas devem reformar-se se querem colaborar de maneira eficaz no enfrentamento às ameaças à soberania, à segurança e à prosperidade]

Em (5) e (6), constatamos que a modalidade volitiva foi instaurada, especificamente, por meio de verbos léxicos volitivos, *buscar* e *querer*, em construção perifrástica com verbos no infinitivo, *imponer* e *colaborar*, em que a volição manifestada é reportada pelo Falante, remetendo-a ao participante expresso pelo predicado, respectivamente, os Estados Unidos e as Nações Unidas, acerca da indesejabilidade (reforçada pelo advérbio de negação, *no*) “de impor o estilo de vida norte-americano aos demais” e da necessidade volitiva acerca da “colaboração eficaz no enfrentamento das ameaças à soberania, à segurança e à prosperidade”. Ao especificar o sujeito capaz de volição, o Falante limita-se a reportar o comprometimento volitivo do participante expresso (especificado em seu discurso) acerca do que é

volicionado, seja em relação à desejabilidade ou à indesejabilidade de concretização do evento.

No que se referem aos aspectos discursivos e argumentativos, ponderamos que a especificação do sujeito sintático, conforme Dall’Aglío Hattner (2009), pode reforçar o comprometimento do Falante (Donald Trump) ao projetar a sua pessoa sob o escopo de atuação do evento volicionado, o que também é reforçado pelo lugar de autoridade que ocupa, preenchendo, dessa forma, todos os requisitos necessários para a avaliação, por parte do ouvinte, do que é intencionado pelo Falante como algo positivo e relevante (necessidade volitiva). Ao especificar um terceiro-reportado, o Falante não apenas o projeta como fonte da atitude volitiva instaurada, como também garante a legitimidade e a autoridade dessa fonte perante o ouvinte, que também irá avaliar o evento volicionado como algo (in)desejável em termos do que é esperado que se concretize em termos de ações políticas e governamentais.

No que diz respeito à pessoa do sujeito sintático, vejamos a Tabela 4:

**Tabela 4** – Frequência da pessoa do sujeito sintático

<b>Pessoa do sujeito sintático</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem</b>
Primeira pessoa	23	57,5%
Terceira pessoa	17	42,5%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Com base nos dados apresentados na Tabela 4, atestamos que a primeira pessoa é a mais empregada pelo Falante para instaurar a volição. Isso se justifica, segundo Oliveira (2017), pois, ao empregar a primeira pessoa, o falante pode tanto aproximar-se de seu ouvinte (primeira pessoa do plural) quanto afastar-se dele (primeira pessoa do singular), manifestando, dessa forma, o evento como algo desejado por todos (desejo coletivo) ou por sua pessoa em particular (desejo pessoal). Vejamos (7) e (8):

(7) **Quiero** que nuestra juventud crezca para que logre grandes cosas. (El primer discurso de Donald Trump sobre el Estado de la Unión)

[Tradução livre: Quero que a nossa juventude cresça para que consiga grandes coisas]

(8) **Queremos** que cada niño esté seguro en su hogar por la noche (El primer discurso de Donald Trump sobre el Estado de la Unión)

[Tradução livre: Queremos que cada criança esteja segura em seu lar durante a noite]

Em (7), a modalidade volitiva é instaurada pelo verbo léxico *querer*, cuja completiva com “que” contém o Conteúdo Proposicional que, por sua vez, é escapado pelo referente modal volitivo em relação ao desejo particular do Falante (o que é evidenciado pelo uso da primeira pessoa do singular, *quiero*) em relação ao “crescimento e fortalecimento da juventude norte-americana”. Em (8), a modalidade volitiva também é instaurada por meio do verbo léxico *querer*, cuja completiva com que contém o Conteúdo Proposicional relativo à volição que, por seu turno, é de âmbito coletivo (o que é averiguado pelo emprego da primeira pessoa do plural, *queremos*), no que se refere à “segurança de cada criança em seu lar”.

No entanto, vemos que, em (7), há o afastamento do Falante em relação ao seu Ouvinte, manifestando-lhe um desejo particular, enquanto, em (8), atestamos a aproximação do Falante em relação ao seu ouvinte, expressando-lhe um desejo coletivo. A aproximação ou o afastamento do falante em relação ao ouvinte pode atenuar ou mitigar a volição expressa por aquele, haja vista que, ao se afastar, o falante releva o seu comprometimento volitivo acerca do que é volicionado, centrando-o na singularidade de sua pessoa, enquanto, ao se aproximar, há uma diluição da sua pessoa em meio à coletividade, o que pode, em certa medida, mitigar o seu comprometimento volitivo, ainda que ele esteja inserido nesse coletivo de pessoas.

No que tange à argumentação, acreditamos, com base em Coracini (1991), que especifica a modalidade como a expressão da subjetividade de um enunciador (falante, na perspectiva da GDF), que a pessoa do sujeito sintático pode projetar, no enunciado modalizado (para esta pesquisa, a modalidade volitiva), uma maior força em relação ao evento sobre o qual recai o valor

modal (no caso, volição), haja vista que Falante (Donald Trump) pode selecionar determinados elementos linguísticos (pronomes pessoais do caso reto, por exemplo) como estratégia linguística para persuadir e manipular o ouvinte. Isso se dá, em razão de o Falante optar em especificar a singularidade da sua pessoa (por meio da primeira pessoa do singular, *yo*) ou diluí-la em meio a coletividade (por meio da primeira pessoa do plural, *nosotros*), podendo também projetar uma terceira pessoa em seu discurso (por meio da terceira pessoa do singular ou plural, *él, ella, usted, ellos, ellas, ustedes*) ao instaurar a modalidade volitiva.

Especificamente, para a modalidade volitiva, Oliveira (2017) delimita que o sujeito sintático (foco da qualificação modal volitiva) pode se tratar do próprio Falante (Enunciador), de uma Instituição, de um Indivíduo ou de um Domínio Comum (Coletividade), o que demonstra haver uma gradação em relação ao comprometimento volitivo, indo de um maior grau de comprometimento (Enunciador) para um menor grau de comprometimento (Indivíduo e Instituição). Reiteramos que, de acordo com o autor, o comprometimento volitivo do falante se deve a avaliação de cunho pessoal que ele faz em termos do que é (in)desejável para si e/ou para os demais.

Em relação à controlabilidade do evento volicionado, vejamos a Tabela 5:

**Tabela 5** – Frequência da controlabilidade do evento

Controlabilidade do evento	Frequência	Porcentagem
Controlado	22	55%
Não-controlado	18	45%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

A partir dos dados apresentados, averiguamos que a modalidade volitiva pode estar relacionada tanto a eventos controlados [+ controle] quanto a eventos não-controlados [- controle]. Isso se deve, pois, segundo Oliveira (2017), em camadas mais baixas do Nível Representacional, como a Propriedade Configuracional, os operadores incidem sobre verbos performativos, cuja controlabilidade do evento é expressa por meio do

predicado (verbos performativos), enquanto em camadas mais altas, como a camada do Evento ou a do Conteúdo Proposicional, os operadores volitivos tomam por escopo, respectivamente, uma predicação relativa a um evento desejável (sem que haja uma apreciação do falante acerca desse evento) ou uma proposição referente a um construto mental, ambos relacionados a eventos não controlados por parte do falante. Vejamos (9) e (10):

(9) Rocket Man está en una misión suicida para sí y para su régimen. Estados Unidos está listo, dispuesto y capaz, pero **espero** que esto no sea necesario. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: Rocket Man está em uma missão suicida para si e para o seu regime. Estados Unidos está pronto, disposto e capaz, mas espero que isto não seja necessário]

(10) **Buscamos frenar** la escalada del conflicto sirio y una solución política que honre la voluntad del pueblo de Siria. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: Procuramos parar a escalada do conflito sírio e uma solução política que honre a vontade do povo da Síria]

Em (9), o operador volitivo *esperar* atua na camada do Conteúdo Proposicional, por esse motivo, temos um caso de modalidade volitiva orientada para a Proposição, haja vista que se refere a um evento localizado apenas na mente do Falante, ainda que ele acredite que seja possível a sua concretização em um dado momento futuro. Nesse caso, a modalidade volitiva se aproxima da modalidade epistêmica (relativa aos conhecimentos e crenças sobre o mundo real), pois, ainda que seja possível a concretização do evento no mundo real, o Falante, com base em suas convicções e crenças pessoais, espera (no sentido volitivo) que o evento não se concretize (o que é exatamente possível em um mundo imaginário/fictício, situando, pois, a volição dentro do aspecto *irrealis*).

Ponderamos, com base em Oliveira (2017), que na camada do Conteúdo Proposicional, os operadores epistêmicos (modais epistêmicos) são, geralmente, empregados para que o falante avalie os acontecimentos do mundo real em termos do seu estatuto de verdade ou falsidade, enquanto os

operadores volitivos (modais volitivos) são utilizados para que o falante aprecie a (não) possibilidade de concretização dos acontecimentos relativos a um mundo imaginário/fictício, a partir do que é possível de suceder no mundo real, com base no que ele acredita como sendo verdadeiro ou falso (com base em suas próprias convicções). Isso se deve, conforme Hengeveld e Mackenzie (2008), pois os Conteúdos Proposicionais se referem a construtos mentais que são correspondentes a conhecimentos e crenças (modalidade epistêmica) sobre o mundo real (factualis) ou acerca de desejos e expectativas (modalidade volitiva) em relação a um mundo imaginário (não-factualis).

Em (10), o operador *buscar* atua na camada da Propriedade Configuracional, por isso atestamos que a modalidade volitiva está orientada para o Participante, já que se refere a um participante (o governo norte-americano) envolvido na concretização do evento volicionado: “parar a escalada do conflito sírio e buscar uma solução que honre a vontade do povo sírio”. Ao tomar por escopo um verbo performativo, *frenar*, o Falante manifesta o evento volicionado como algo mais assertivo (possível de ser realizado, aproximando, desse modo, a volição do aspecto *realis*), em virtude da controlabilidade deste evento.

No que diz respeito a argumentatividade do encadeamento discursivo, acreditamos, conforme Dall’Aglio Hattner (2009), que o controle do evento volicionado pode assegurar ao ouvinte, que irá avaliar o que é proferido pelo Falante (Donald Trump), a concretização do que é volicionado, haja vista que o Falante teria o controle (autoridade investida pelo cargo exercido) necessário para isso (o que aproxima a volição do aspecto *realis*). Enquanto a não-controlabilidade do evento volicionado poderia conduzir a uma interpretação de pouca certeza ou de imprecisão acerca da concretização do que é desejado, deixando margem a dúvidas e, portanto, pouca credibilidade em relação às ações políticas e administrativas que serão tomadas (o que aproxima a volição do aspecto *irrealis*).

Por fim, passaremos a frequência das formas de Expressão Linguística empregadas pelo Falante na instauração da modalidade volitiva. Vejamos a Tabela 6:



**Tabela 6** – Frequência da forma de Expressão Linguística

Forma de Expressão Linguística	Frequência	Porcentagem
Verbo léxico	28	70%
Auxiliar modal	11	27,5%
Construção modalizadora	01	2,5%
Total	40	100%

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base nos dados do SPSS

Com base nos dados da Tabela 6, atestamos que os verbos léxicos foram os mais empregados nos discursos de Donald Trump para a manifestação da modalidade volitiva. Conforme Oliveira (2017), isso é justificável, se considerarmos que os verbos léxicos volitivos trazem consigo toda a carga semântica da volitividade (elemento do desejo), pois expressam o que o autor considera de *volição propriamente dita*, ou seja, manifestam os desejos do falante em sua forma prototípica, quando este empregam os verbos prototípicos de volição, tais como *querer, desear, anhelar, preferir*, etc. Vejamos (11) e (12):

(11) Los estadounidenses **quieren** excelentes escuelas para sus hijos, vecindarios seguros para sus familias y buenos empleos. (El Discurso de Investidura de Donald Trump)

[Tradução livre: Os norte-americanos querem excelentes escolas para os seus filhos, bairros seguros para as suas famílias e bons empregos]

(12) Para las diversas naciones del mundo, esta es nuestra esperanza. **Queremos** armonía y amistad, no conflictos ni luchas. (El discurso de Donald Trump en la Asamblea General de las Naciones Unidas)

[Tradução livre: Para as diversas nações do mundo, esta é a nossa esperança. Queremos harmonia e amizade, não aos conflitos e às lutas]

Em (11) e (12), a modalidade volitiva é instaurada por meio do verbo léxico *querer* em sua forma plena, relativo aos estados-de-coisas (eventos)

não controlados pelo participante expresso pelo predicado (o povo norte-americano e a sociedade americana), designadamente “o desejo de boas escolas, bairros seguros e bons empregos” e “o desejo de harmonia e amizade, não aos conflitos e às lutas”. De acordo com Oliveira (2017), os modais volitivos em sua forma plena atuam na camada da Propriedade Configuracional, em que o operador volitivo (predicado) toma por escopo argumentos relativos a eventos volicionados pelo falante (ou o participante expresso) e que não são controlados [- controle], o que atenua a volição expressa, por isso, nesses casos, o autor defende que a volição é expressa de maneira propriamente dita, ou seja, o verbo volitivo remete ao enunciado toda a carga semântica da volitividade (elemento do desejo).

No que diz respeito a argumentatividade e a discursividade no engendramento da categoria modalidade, ponderamos, com base em Pessoa (2011), Menezes (2011) e Lopes (2015), que o emprego das formas de Expressão Linguística para a instauração da modalidade pode funcionar como intensificadores das noções semânticas instauradas (os valores modais), além de possibilitarem a marcação dos graus de objetividade e subjetividade frente ao enunciado modalizado. Nesse sentido, as formas de Expressão Linguística assinalam, no encadeamento discursivo, o que é avaliado pelo falante de cunho pessoal (subjetividade do enunciado modalizado) ou do que é reportado por ele (objetividade do enunciado modalizado), apontando também as gradações semânticas referentes aos valores modais instaurados (de necessidade a possibilidade). Além disso, pode-se distinguir, morfossintaticamente, o aspecto no qual está inserido o evento (*realis* ou *irrealis*), o tempo no qual se inscreve o discurso (presente, pretérito, futuro, no caso do espanhol, acrescenta-se o condicional) ou assinalar a fonte da informação (conteúdo cognitivo do próprio falante ou de um terceiro-reportado).

### Considerações finais

Este trabalho buscou descrever e analisar a construção argumentativa dos discursos de Donald Trump em língua espanhola por meio da modalidade volitiva que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), refere-se ao que é (in)desejável. Nosso objetivo esteve pautado, principalmente, em discutir

como essa categoria de modalidade poderia ser engendrada nos discursos do atual presidente norte-americano ao considerarmos alguns aspectos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), bem como de trabalhos correlatos sobre a categoria modalidade e os seus aspectos argumentativos e pragmático-discursivos sob a ótica da GDF.

A partir da análise quantitativo-qualitativa da modalidade volitiva como categoria argumentativa e pragmático-discursiva, pudemos averiguar que houve uma frequência majoritária de orientação modal para o Participante (77,5%), em que o Falante (Donald Trump) optou por manifestar o seu engajamento (ou o de terceiros) na concretização do evento volicionado, revestindo, dessa forma, a volição de um caráter mais assertivo. Na sequência, atestamos que o valor modal volitivo mais instaurado foi o de intenção (55%), o que estava em consonância com o tipo de orientação modal mais recorrente, haja vista que o valor modal de intenção está relacionado à disposição de concretização do evento volicionado por parte do falante ou do participante expresso pelo predicado.

Posteriormente, constatamos que a modalidade volitiva está mais relacionada à especificidade do sujeito sintático (82,5%), em razão da qualificação modal volitiva que está centrada na fonte da atitude modal, seja esta fonte o falante ou o participante expresso. Vimos também que as marcas de primeira pessoa foram as mais recorrentes (57,5%), em que o falante pode tanto aproximar-se de seu ouvinte, por meio da primeira pessoa do plural, ao revelar o caráter coletivo da volição expressa, quanto afastar-se dele, ao empregar a primeira pessoa do singular, expressando o seu comprometimento volitivo em relação ao evento volicionado.

No tocante à controlabilidade do evento volicionado, pudemos averiguar que a modalidade volitiva pode incidir tanto sobre eventos controlados (55%) quanto a eventos não-controlados (45%), em razão de os modais volitivos poderem tanto tomar como escopo verbos performativos (o que garante a controlabilidade do evento) nas camadas mais baixas do Nível Representacional, quanto escopar completivas com que em camadas mais altas desse mesmo nível, em que a volição incide sobre um evento desejável ou um construto mental que, por sua vez, pode ser apenas localizado na mente do falante e sobre os quais o ele não tem controle. Por fim, pudemos

averiguar que os verbos léxicos foram os mais empregados (70%) pelo Falante na instauração da modalidade volitiva, haja vista que os verbos volitivos em sua forma plena trazem consigo toda a carga semântica da volitividade (elemento do desejo) ao enunciado modalizado.

Concluimos, portanto, que a modalidade volitiva pode ser empregada como um recurso de ordem pragmático-discursivo e argumentativo, como o discurso político que foi analisado nesta pesquisa, já que a volição expressa pode produzir diferentes efeitos de sentido no público alvo (os ouvintes), tais como: o comprometimento volitivo do falante acerca do que é desejado por ele em relação às ações políticas de seu governo, a aproximação ou o afastamento dele em relação ao seu ouvinte na instauração da volição, ou de revestir os desejos, vontades e intenções de um caráter mais assertivo a partir das características semânticas do evento volicionado, ou seja, se o evento desejado recai sobre um estado-de-coisas mais controlado ou menos controlado.

## Referências

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da tradução: Angela Maria da Silva Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CORACINI, Maria José. **Um fazer persuasivo**. O discurso subjetivo da ciência. São Paulo: Pontes; EDUC, 1991.

DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Entre o poder e o dever: fatores intervenientes na expressão da modalidade nos discursos de posse presidencial. **Revista Gragoatá**, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <http://zip.net/bjtsbs>. Acesso em: 16 mar. 2016.

DALL'AGLIO HATTNER, Marize Mattos; HENGEVELD, Kees. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://zip.net/bltBtQ>. Acesso em: 08 jan. 2017.

HENGEVELD, Kees. Illocution, mood, and modality. In: BOOIJ, Booi; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim. **Morphology: a handbook on inflection and word formation**. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.1190-1201.

HENGEVELD, Kees. **The grammaticalization of tense and aspect**. 2011. Disponível em: <http://zip.net/bltBtV>. Acesso em: 08 jan. 2017.

HENGEVELD, Kees. A hierarchical approach to grammaticalization. In.: HENGEVELD, Kees, NARROG, Heiko, OLBERTZ, Hella. **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017.

HENGEVELD, Kees; DALL'AGLIO HATTNER, Marize Mattos. Four types of evidentiality in the native languages of Brazil. **Revista Linguistics**, v. 53, p. 479-524, 2015. Disponível em: <http://zip.net/bdtCss>. Acesso em: 08 jan. 2017.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. **Functional Discourse Grammar: a typologically based theory of language structure**. Oxford: Oxford Linguistics, 2008.

LOPES, Maria de Fátima de Sousa. **Uma análise funcionalista da modalidade deôntica na coluna Confronto das Ideias do jornal "O Povo"**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MENEZES, Léia Cruz de. **Expressões linguísticas modalizadoras deônticas em função argumentativa**: um exercício de análise retórico-funcional. 2011. 334f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2011.

NAGAMURA, George Henrique. **A expressão da subjetividade na Gramática Discursivo-Funcional**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

OLBERTZ, Hella. **Periphrastic expressions of non-epistemic modal necessity in Spanish**: a semantic description. 2016. Disponível em: <http://zip.net/bhtFDy>. Acesso em: 27 fev. 2017.

OLIVEIRA, André Silva. **Modalidade volitiva em língua espanhola nos discursos do Papa Francisco em viagem apostólica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

PALMER, Frank Robert. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PESSOA, Nadja Paulino. **Modalidade deôntica e discurso midiático**: uma análise baseada na Gramática Discursivo-Funcional. 2011. 224f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFC, Fortaleza, 2011.

### Forma de citação sugerida

OLIVEIRA, André Silva. Modalidade volitiva e construção argumentativa nos discursos de Donald Trump em língua espanhola. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 1, p. 51-80, 2020. DOI 10.17648/eidea-20-v1-2612.